

CALAR HOJE É SER CÚMPLICE: MARIA LACERDA DE MOURA¹

CALLAR HOY ES SER CÓMPLICE: MARIA LACERDA DE MOURA

TO SHUT UP TODAY IS TO BE AN ACCOMPLICE: MARIA LACERDA DE MOURA

Tatiana Ranzani MAURANO²
Glaucia Uliana PINTO³
Anna Maria Lunardi PADILHA⁴

RESUMO: O objetivo deste artigo é dar a conhecer algumas reflexões que permearam uma pesquisa de mestrado em educação e que compreendeu o esforço de fazer uma Análise de Configuração Textual (MORTATTI, 2000) do segundo livro de Maria Lacerda de Moura (1887-1945), *Renovação* (1919). Apresentamos o instrumento metodológico utilizado como procedimento para historicizar a autora e suas contribuições para pensar questões de gênero e concluímos que a dominação patriarcal e as desigualdades de gênero perpassam gerações, incitando-nos a seu enfrentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Lacerda de Moura. *Renovação*. Análise de configuração textual.

RESUMEN: *El objetivo de este artículo es presentar algunas reflexiones que impregnaron una investigación de maestría en educación y que incluyeron el esfuerzo por realizar un Análisis de la Configuración Textual (MORTATTI, 2000) del segundo libro de Maria Lacerda de Moura (1887-1945), Renovação (1919). Presentamos el instrumento metodológico utilizado como procedimiento para historizar a la autora y sus aportes para reflexionar sobre cuestiones de género y concluir que la dominación patriarcal y las desigualdades de género impregnan generaciones, animándonos a enfrentarlas.*

PALABRAS CLAVE: *Maria Lacerda de Moura. Renovação. Análisis de configuración textual.*

ABSTRACT: *The aim of this article is to present some reflections that permeated a master's degree research in education, and which included the effort to carry out a Textual Configuration Analysis (MORTATTI, 2000) of Maria Lacerda de Moura's second book (1887-1945), Renovação (1919). We present the methodological instrument used as a procedure to*

¹ “Calar hoje é ser cúmplice. Pratiquemos crime inominável da coragem, no meio da covardia e do cinismo da hora presente” (MOURA, 1934, p. 112).

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília – SP – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4649-8882>. E-mail: tatiana.ranzani@unesp.br

³ Instituto Ayrton Senna (IAS), São Paulo – SP – Brasil. Consultora. Doutorado em Educação pela Unimep. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5167-9664>. E-mail: glauciauliana@gmail.com

⁴ Instituto de Pesquisas Heloísa Marinho (IPHEM), Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Pesquisadora. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6624-660X>. E-mail: annamlpadilha@gmail.com

historicize the author and her contributions to think about gender issues and conclude that patriarchal domination and gender inequalities pervade generations, encouraging us to confront them.

KEYWORDS: *Maria Lacerda de Moura. Renovação. Analysis of textual configuration.*

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar contribuições teóricas e metodológicas para discutir questões de gênero a partir de uma das obras de Maria Lacerda de Moura (1887-1945), autora considerada, aqui, como personalidade histórica que debate acerca do movimento feminista no Brasil. Destaca-se a Análise de Configuração Textual (MORTATTI, 2000) como procedimento metodológico promissor para este estudo. Tal temática e caminho metodológico surgem como desdobramento de uma pesquisa de mestrado em educação que se debruça tanto sobre a perspectiva metodológica em questão, como nos escritos do livro *Renovação* (MOURA, 1919).

O desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica foi possível tendo acesso à Coleção de Miriam Lifchitz Moreira Leite⁵ (1984), no Centro de Documentação e Memória da Unesp (Cedem), em São Paulo. Nessa coleção, encontram-se todos os documentos que Leite (1984) utilizou para a sua pesquisa de doutorado, publicada no livro *A outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, em que a pesquisadora reuniu grande parte da obra de Maria Lacerda de Moura, proporcionando-nos o acesso a esse conhecimento. Importa ainda destacar a relevância de um Centro de Documentação e Memória para a pesquisa documental e histórica.

A produção literária de Maria Lacerda de Moura é vasta; são 14 livros, vários escritos em revistas, palestras e conferências, além da edição de uma revista, que circulou por um ano. O tempo de um mestrado não nos permitiria estudar todos os seus escritos, além do fato de outras pesquisadoras e pesquisadores já terem se debruçado sobre alguns deles. Entretanto, uma questão em particular chamou a nossa atenção, e que não foi suficientemente trabalhada por nós, até então. O livro *Renovação* de 1919 e sua contribuição para a discussão de gênero, patriarcado e educação.

⁵ “[...] Graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1947), graduação em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1983) e pós-doutorado pela Eastman Foundation (1990). [Foi] assessora em fotografia histórica do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia e Professor doutor - pesquisa em imagem do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia”. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5181395079788133>. Acesso em: 08 ago. 2021.

Inúmeras leituras e releituras do texto *Renovação* possibilitaram avanços no sentido de entender a história de vida da autora e o que tem a nos dizer, o contexto histórico ao qual ela estava inserida, além da história da educação e do anarquismo no Brasil. Por isso, uma colcha de retalhos de citações de seus escritos permeou todo o trabalho, numa tentativa de compreender a autora e seus escritos, olhando para o ontem e o hoje, apreendendo nas idas e vindas o quanto a dominação é histórica, surpreendendo-nos com o quanto ela está na estrutura de todo um sistema social (MAURANO, 2020a, p. 200-201).

Maria Lacerda de Moura faz um debate histórico do movimento feminista no Brasil e em outras partes do mundo, questiona a subjugação da mulher e destaca a importância de a mulher se instruir e se libertar da opressão imposta pela sociedade patriarcal.

Tanto para estudar o livro *Renovação* (1919), quanto para elaborar as contribuições pretendidas neste texto, ou seja, destacar a relevância do método para historicizar e resgatar as ideias de uma escritora, utilizamos a Análise de Configuração Textual (MORTATTI, 2000), como um procedimento metodológico que permite questionar e fazer o devido aprofundamento histórico *de* e *sobre* a autora e o seu contexto social, procurando compreender suas motivações.

Com o texto documental reunido e tendo como base essa ferramenta metodológica, foi possível problematizar os escritos de Maria Lacerda de Moura, na tentativa de um diálogo com sua obra, aproximando-nos da temática da subjugação feminina por ela evidenciada.

Em uma abordagem histórica, é central posicionar o discurso da autora e perceber suas escolhas ao abordar os conteúdos, a forma como ela os apresenta, como se posiciona diante dos fatos apresentados, o seu ponto de vista, onde ele se encontra dentro do contexto histórico vivido e para quem escreve os seus textos, quais suas necessidades. Aspectos que a Análise de Configuração Textual trabalha minuciosamente.

Destacamos o instrumento metodológico da Análise de Configuração Textual (MORTATTI, 2000), apontando que ele contribuiu de forma estruturante tanto para a realização da pesquisa de mestrado (MAURANO, 2020a), como para a escrita deste artigo. Entretanto, antes de trazê-lo como perspectiva de compreensão histórica de uma escritora que ainda nos diz sobre o presente, é preciso falar sobre ela, o que faremos a seguir.

Os escritos de Maria Lacerda de Moura

Sobre a autora, os pesquisadores que publicaram a 2ª edição do livro *Renovação* relatam:

[...] nascida em 16 de maio de 1887, em Manhuaçu / MG, na fazenda de Monte Alverne, Maria Lacerda de Moura é filha de Modesto de Araújo

Lacerda e Amélia Araújo Lacerda, simpatizantes de ideias anticlericais e suas primeiras influências de contestação. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, Maria Lacerda tem voz destacada nas lutas sociais quando, junto com outras militantes libertárias, pelas páginas dos periódicos, difunde sua palavra e denuncia a exploração capitalista, contradita os fundamentos da moral burguesa, a opressão masculina, a instituição do casamento, afirmando, para além do direito ao corpo e ao prazer, o horizonte da luta pela emancipação social de homens e mulheres (GONÇALVES; BRUNO; QUEIROZ apud MOURA, 2015, p. 6).

Ainda em Barbacena, em 1912 começa a escrever crônicas para os jornais locais, mas é em 1918 que publica *Em torno da Educação*, onde ela escreve referente a esta temática:

[n]o livro *Em torno da Educação*, analisa as questões educacionais, principalmente o analfabetismo, pois na data de publicação desta obra cerca de 80% dos brasileiros eram analfabetos; e mostra como a educação era fundamental para a emancipação feminina (MARTINS; COSTA, 2016, p. 219).

A partir desse primeiro livro, começa a se aproximar dos estudos anarquistas, em contato com José Oiticica e Galeão Coitinho. Ainda sobre educação, escreve, em 1925, *Lições de Pedagogia* e, em 1934, *Ferrer, o clero romano e a educação laica*.

Em 1919, escreve o livro *Renovação*, um marco em sua bibliografia, debatendo as problemáticas referentes à subjugação e à condição feminina. Em 1924, escreve o seu livro mais conhecido e traduzido também para o espanhol: *A mulher é uma degenerada*, quando faz o exercício de desmistificar teorias médicas preconceituosas em relação à degenerescência da mulher. Em suas palavras:

Bombarda⁶ fala tanto em degenerescência, mas, quem se degenera ou quem mais degenera a descendência [...] O feminismo nasceu ontem, criado pelas necessidades de defesa dentro da sociedade capitalista e, é de hoje que as sociedades se vêm degenerando? (MOURA, 1982, p. 22).

Outras temáticas foram discutidas em alguns livros de Maria Lacerda de Moura, tais como sobre a possibilidade de a mulher escolher ter ou não ter filhos. Em *Amai...e não vos multipliqueis* (1924), debate sobre a liberdade de amar; em *Religião do amor e da beleza* (1926) e *Han Ryner e o amor plural* (1933), a crítica contundente à instituição religiosa da igreja, o estado e o fascismo; em *Clero e o Estado* (1931), em *Clero e Fascismo: horda de embrutecedores* (1934) e em *Fascismo, filho dileto da igreja e do capital* (1934), aborda as

⁶ Miguel Bombarda, o conhecido psiquiatra, no livro *A Epilepsia e as pseudo epilepsias*, lançou sobre a mulher este anátema: "A mulher é uma degenerada". E considera "ridículo" qualquer esforço "em prol da independência da mulher" [...] (MOURA, 1982, p. 19).

questões relacionadas ao movimento integralista e a igreja – naquela momento, a Igreja Católica, incidindo em todas as áreas e instituições brasileiras.

Já no livro *Renovação*, a autora faz uma conversa com as mulheres, de modo que quem o lê tem a nítida impressão do cuidado da autora em repassar todas as informações a que ela teve acesso, para que todas as outras mulheres também pudessem adquiri-las.

Assertivamente ela avisa às outras mulheres que não se enganem, que foram, sim, educadas para a subserviência [...]. Essa é a educação reservada às mulheres do início do século XX. Elas deveriam desenvolver a aceitação, de preferência sorrindo, da beleza física e almejar somente um bom casamento e serem mães. Deveriam desenvolver dedicação exclusiva à humanidade, pois esta, segundo a sociedade, nos é inata. É o que nos reservam. Mas em nossa sociedade capitalista, com o crescimento do industrialismo, o homem já não consegue ser ele o único provedor. Mesmo assim, ele quer o salário ou o dote da mulher, ficando ela em situação de sujeição (MAURANO, 2020a, p. 103).

Um compartilhar generoso e rico de Maria Lacerda de Moura, que vai desde transcrever a emoção e o prazer que sentia ao absorver todo aquele conhecimento, como a vontade, a necessidade de repartir isso com todas as mulheres que ela sabia não terem acesso às informações.

A razão deste livro é simples: Estudei sozinha. Eu mesma me indicava os autores que devia lêr. Conheci-os, uns através dos outros. E lia tudo: livros de filosofia, lógica, pedagogia, moral, etc, etc, – procurando interpretar. Que somma de prazeres intensos! Páginas e páginas eu devorava avidamente. E minh'alma se extasiava ante tantas maravilhas e sentia turbamentos, arroubos indescritíveis (MOURA, 2015, p. 47).

A autora, em seu livro, deu grande relevância à instrução, principalmente das mulheres, que era o grupo mais oprimido, bem como ao feminismo no Brasil e em outros países; preocupou-se com a exploração das mulheres pelos trabalhos domésticos e com as seduções infringidas a elas. Destacou o preconceito da sociedade em relação àquelas mulheres que por inúmeras razões não constituíam família e eram relegadas à prostituição.

A sociedade vê as avéssas: a impureza está é nela, nas suas leis idiotas feitas em benefício do sexo forte, nos seus preconceitos, nos corações desses homens sem dignidade, covardes, nesses costumes, nessa moral que vai desaparecer. A mulher não é coisa, objeto de posse que se compra, vende, possui e despreza (MOURA, 2015, p. 191).

A autora questiona essa manutenção da dominação quando argumenta: “esquecem-se de que as leis são impotentes se se não reformam os costumes” (MOURA, 2015, p. 263). Denuncia, ao mesmo tempo que convoca a todos, principalmente as mulheres, a se instruir e se

posicionar diante da realidade que nos é imposta. Para isso, utiliza o livro *Renovação* (1919), onde escreve sobre as questões destacadas, mas discorre também sobre outras temáticas que podem e devem ser de preocupação e discussão das mulheres como pessoas que fazem parte de uma sociedade e precisam ter uma opinião sobre os mais variados assuntos.

Que ordem é essa que, para ser estabelecida não tentou arrancar a mulher da opressão, dos preconceitos da sociedade tola e da tyrannia do serviço doméstico obrigatório para o nosso sexo?

Que progresso é esse que quer collocar a mulher sempre na dependencia do homem e lhe não pode restituir o papel de igual e companheira e, sim, lhe distribue o de subalterna? (MOURA, 2015, p. 65).

É uma autora que, com os seus questionamentos, nos ajuda no desafio de compreender a opressão que determinadas populações sofriam e ainda sofrem. A opressão de um grupo específico sobre o outro, seus motivos, suas causas e sua construção histórica.

Análise de Configuração Textual

A utilização do procedimento metodológico da Análise de Configuração Textual se mostrou profícuo para a pesquisa de mestrado.

A professora doutora da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Unesp, campus Marília/SP, líder do Grupo de Pesquisa História da Educação e do Ensino de Língua e Literatura no Brasil, Maria do Rosario Longo Mortatti (2000), em sua tese de livre docência, posteriormente publicada em livro, intitulado *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*, propõe um procedimento metodológico como parte da pesquisa com abordagem histórica, a Análise de Configuração Textual. Segundo os escritos de Mortatti (2000):

[...] o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) [...] (MORTATTI, 2000, p. 31).

O exercício começou com a localização do documento. Primeiramente, fizemos uma busca na biblioteca da universidade, pelo nome de Maria Lacerda de Moura, e foi quando encontramos o livro de Leite (1984), *Maria Lacerda de Moura: a outra face do feminismo*.

Na leitura desse livro, constatamos que o livro era referente à sua tese de doutorado, que teve como objeto de pesquisa a obra da escritora que estávamos pesquisando.

O livro de Leite (1984) é uma reunião detalhada das temáticas debatidas por Maria Lacerda de Moura e toda a sua obra escrita. Nessa tese, agora livro, ela apresenta de forma exemplar a amplitude da obra da autora e debate o porquê estudá-la. Nesse momento, percebemos que leremos mais sobre Leite (1984), ou, talvez, entrar em contato com essa pesquisadora seria muito profícuo para a nossa pesquisa.

Através do seu currículo Lattes, tivemos acesso ao e-mail. Soubemos que faleceu em 2013 e que teve a preocupação de doar todos os documentos de sua pesquisa para o Centro de Documentação e Memória – Cedem, da Unesp. Entramos em contato com o Cedem, fomos muito bem assessoradas pela sua equipe, especificamente pela historiadora Renata Cotrim, que, além de permitir o acesso a toda documentação, colocou-nos em contato com a Biblioteca Terra Livre, a qual me doou um exemplar do livro *Renovação*, em sua segunda edição fac-símile, editada pela Universidade Federal do Ceará⁷.

O exercício de localizar, recuperar, selecionar, reunir e ordenar o *corpus* da pesquisa a ser analisado é a base para uma pesquisa de abordagem histórica e a primeira ação para uma Análise de Configuração Textual.

Com o nosso *corpus* da pesquisa selecionado, começamos a fazer os devidos questionamentos e a respectiva busca de suas respostas para esta composição analítica. Iniciamos relatando as motivações dessa proposta de pesquisa e os caminhos pelos quais se chegou até a autora a ser estudada.

O estudo analítico se dividiu em cinco partes. Primeiro, um estudo detalhado sobre quem foi Maria Lacerda de Moura, sua vida, sua constituição como mulher e seus escritos; depois, o contexto histórico vivido pela autora, focando nos acontecimentos históricos ocorridos no Brasil, desde o ano do seu nascimento (1887) até a data da publicação do livro estudado (1919). Ela fez Escola Normal, foi educadora e no livro fala sobre educação. Dedicamos uma subseção para a história da educação no Brasil e para o anarquismo, pela aproximação com suas ideias e com o próprio movimento anarquista.

Na segunda parte, discorremos sobre as categorias de análise que utilizamos (gênero, patriarcado e educação), conceituamos, e, a partir dos autores estudados, fizemos as relações possíveis com os termos utilizados no livro (condição feminina e subjugação da mulher).

⁷ Conforme o relato detalhado do como se deu esse exercício de localizar a sua obra em Maurano (2020a, p. 19-21).

Na terceira parte, descrevemos o livro *Renovação*, edição de 2015, desde a quantidade de páginas, capa, a motivação dos organizadores em fazer uma reedição do livro, para então chegarmos nos escritos na autora.

Maria Lacerda de Moura dedica o livro para todas as mulheres, relata o movimento feminista historicamente na América e na Europa, debate sobre o sufrágio feminino, política, religião, solidariedade, infância, maternidade, questões sociais e educação. Assuntos que todas as mulheres, segundo ela, devem ler e sobre os quais devem ter sua própria opinião.

A quarta parte foi o momento de articular os escritos da autora com as teorias políticas feministas, debatendo sobre os avanços e retrocessos em relação à condição feminina e às possibilidades de sua superação.

Os documentos-fontes “só falam quando se sabe interrogá-los” (MORTATTI, 2000, p.31 apud BLOCH, 1987, p. 60). Quem era Maria Lacerda de Moura? Qual o contexto histórico em que ela vivia? Quais eram suas escolhas de temáticas e conteúdo? Por quê, que discurso era esse, de que lugar social? Quais suas motivações para a escrita? Para quem ela escrevia? Essas foram algumas das questões que compuseram o exercício de uma Análise de Configuração Textual.

Algumas Considerações

As nossas considerações nos remetem às que foram realizadas à época do mestrado. Era o início do governo de Jair Messias Bolsonaro e pudemos reafirmar questões debatidas na pesquisa, referentes às discussões de gênero, patriarcado e educação. Conforme desenvolvíamos o debate de finalização da pesquisa, com fatos acontecidos no Brasil, os escritos de Maria Lacerda de Moura ecoavam em nossas mentes: “esquecem-se de que as leis são impotentes se não reformam os costumes” (MOURA, 2015, p. 263).

Numa sociedade organizada de modo a deixar a mulher sujeita à tyrannia dos exaustivos trabalhos domésticos, ocupada todo o dia nos arranjos da casa e dos filhos, sem tempo para ler o jornal, para conhecer os livros, como acontece às burguesas do interior do Brasil, numa sociedade onde á metade do sexo fraco (porém forte para o trabalho) são entregues os serviços domésticos a que não dão valor e ocupam vidas inteiras, nessa sociedade ninguém tem o direito de encher os seus códigos com as belas e retumbantes palavras: - Liberdade, Igualdade, Fraternidade! (MOURA, 2015, p. 65).

A denúncia sobre as desigualdades de gênero históricas feita pela autora emerge no título que escolhemos para este artigo: “Calar hoje é ser cúmplice. Pratiquemos crime

inominável da coragem, no meio da covardia e do cinismo da hora presente” (MOURA, 1934, p. 112).

Ao final da pesquisa, propusemos o debate sobre o quanto as estruturas de poder, ou melhor dizendo, as estruturas patriarcais e de gênero continuam recaindo sobre a condição da mulher. Desde sua criação, na antiga Roma, até os dias atuais, violência, negação de direitos, leis discriminatórias.

Isso nos alerta para a força das questões ideológicas que normatizam e naturalizam desigualdades e para o quanto são elas internalizadas pelas mulheres, provocando culpa, pouco entendimento de seus direitos e até mesmo falta de questionamento sobre porque estes mesmos direitos lhes são negados (MAURANO, 2020a, p. 199).

Todavia, muitas mulheres e alguns homens, tanto na vida política, de militância, quanto na academia, por meio dos estudos científicos sobre relações de gênero e a dominação patriarcal, têm questionado, sim, a negação desses direitos. Mas, falta ainda compreensão de muitos sobre as amarras ideológicas impostas pela sociedade patriarcal e, não podemos deixar de dizer, da sociedade escravocrata brasileira.

A autora estudada já denunciava a naturalização dessas imposições para a mulher em seus escritos em 1919:

Os preconceitos, as tradições, a educação transmitida pelas gerações sucessivas – cegam-nos. O homem não é um ser emancipado e ao seu egoísmo não convem a emancipação feminina. É indispensável que a mulher trabalhe pela mulher (MOURA, 2015, p. 52).

O exercício de analisar os escritos dessa autora, de olhar para o seu momento histórico vivido; acenar para o momento histórico em que estamos vivendo; ler outras pensadoras, que viveram em outros espaços na história; rever questionamentos, denúncias e as críticas que se mantêm com vistas à superação de uma dominação de gênero foi proporcionado pela escolha, definitivamente acertada, do procedimento metodológico da Análise de Configuração Textual.

[...] superação e transformação das amarras sociais, pelo desvencilhamento dos resíduos do passado a partir de sua compreensão. Essa é a grande contribuição trazida pela revisitação da obra de Lacerda. Ela permite captar as diferenças e semelhanças, a continuidade e a descontinuidade entre o passado e o presente (as rupturas entre o hegemônico e o contra-hegemônico), “permitindo a apreensão de uma unidade prene de um sentido particular” (p. 27). É possível reconhecer e interrogar a obra *Renovação*, “saturada de agoras” (MORTATTI, 2000, p. 31). Pode-se “produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses” (MORTATTI, 2000, p. 31) (MAURANO, 2020a, p. 90).

Uma superação para além do direito ao voto, o direito ao trabalho remunerado, do acesso a saúde, educação e moradia. Está se falando de dignidade humana, do direito de pensar, de ser livre e respeitada para um desenvolvimento em toda sua plenitude. Segundo Maurano (2020b, p. 5):

[o]s apontamentos históricos sobre a condição da mulher na humanidade, as lutas das mulheres por direitos sociais, culturais e intelectuais, bem como contextualizar a história de vida de Maria Lacerda de Moura, sua produção literária e análise de seu livro, tornam-se contribuições para o desvelamento e tentativa de superação dessa sociedade patriarcal e patrimonialista que oprime a todos, contribuindo, assim, de forma efetiva, para a construção de uma sociedade mais justa para homens e mulheres.

O desenvolvimento de uma consciência crítica, que não aceita simplesmente as coisas como elas são. Que questiona os posicionamentos políticos injustos, sejam eles advindos de homens ou de mulheres.

Isso nos transporta, infelizmente, para os dias de hoje, em 2019, quase cem anos depois, quando um presidente considerado de extrema direita ganha as eleições brasileiras, empenha-se em liberar a posse de armas no Brasil e acredita que a ditadura de 1964 foi, na verdade, uma revolução, homenageando um torturador, colocando-se ainda contrário à reparação de uma dívida histórica para com a população negra [...] Esse mesmo presidente, convoca uma pastora evangélica para cuidar da pasta do Ministério dos Direitos Humanos, Igualdade Racial e Mulheres, cuidando das questões das mulheres, dos negros e dos índios. Esta senhora vem dizendo que: o lugar da mulher é em casa; que a igreja evangélica perdeu espaço para ciência; que o grande problema foi ter deixado a teoria da evolução entrar nas escolas; que os índios devem ser evangelizados; que o aborto é uma aberração e inclusive propõe uma ‘bolsa estupro’ para as vítimas de violência sexual; entre outras barbaridades (MAURANO, 2020a, p. 202-203).

Em março de 2020, o Brasil e o mundo começam a enfrentar uma pandemia do Covid 19. Um vírus com alta transmissão pelo ar, causando doença respiratória, e, nos casos mais graves, levando à morte. Os índices de maio de 2021 são alarmantes:

O Brasil bateu a marca das 430 mil vidas perdidas para a pandemia do novo coronavírus. Nas últimas 24 horas foram registradas 2.383 novas mortes. Com isso, o total de vítimas que não resistiram à Covid-19 chegou a 430.417 (VALENTE, 2021, p. 1).

É de responsabilidade de um governante, em qualquer momento, mais ainda em um momento como este que estamos vivendo, que haja uma política em âmbito federal para diminuir a quantidade de contágio e promover uma maior rapidez na vacinação de toda a sua população. Mas o que vemos é:

Um dia após o registro de novo recorde diário de mortes pela covid-19 no país, o presidente Jair Bolsonaro deu uma série de declarações dando a entender que o choro pelas vítimas é "frescura" e "mimimi" e classificando como "idiotas" aqueles que cobram na imprensa e nas redes sociais a compra de vacinas pelo governo. (SANTOS, 2021, p.1).

A população se contaminando, passando fome; voltamos ao mapa da miséria mundial, com aumento significativo das violências contra as mulheres, o extermínio da população negra. Algo que jamais pensávamos estar vivendo, acaba acontecendo. As pessoas que podem ficar trabalhando em casa, assim o estão fazendo, ou deveriam. E assim, inúmeros problemas sociais que afetam historicamente as mulheres aparecem em maior número e força. Com o aumento da convivência familiar, as violências contra as mulheres aumentaram.

Nesse cenário de fragilidade, materializam-se os efeitos da COVID-19, por exemplo, quando optamos pelo isolamento social em casa. Opção que vem revelando desafios, sobretudo para as mulheres e que tem pressionado as políticas públicas envolvidas no enfrentamento à violência contra as mulheres. Além da violência que aumenta com a quarentena, o fato das pessoas estarem em casa escancara a desigual economia do cuidado, em que a responsabilidade e sobrecarga do trabalho doméstico e dos cuidados com doentes, criança e idosos são das mulheres (BEVILACQUA, 2020, p. 1).

Além de outras questões, que afetam diretamente as mulheres, relacionadas especificamente às questões de gênero, algo que já era denunciado por Maria Lacerda de Moura em 1919, e continua em pauta no debate sobre as desigualdades de gênero:

Em geral as mulheres são sobrecarregadas com os afazeres da reprodução (trabalho não remunerado), enquanto os homens possuem maior disponibilidade para as atividades da produção (trabalho remunerado). A questão que se coloca, em termos de políticas públicas, é como liberar as mulheres para o exercício de seu direito ao emprego remunerado, como comprometer os homens com a economia do cuidado, e como o Estado pode implementar políticas que favoreçam a conciliação entre trabalho e família (ALVES, 2016, p. 634).

Há dados sobre a diminuição considerável das publicações de pesquisas feitas por mulheres, conforme pesquisa recém-divulgada pela Agência USP de Gestão da Informação (2021, s/p):

Com os bloqueios que fecham escolas em todo o mundo e forçam os acadêmicos a cuidar das crianças em casa, teme-se que as acadêmicas tenham suportado uma carga maior de assistência à infância e trabalho doméstico do que seus colegas do sexo masculino, o que suscitou perguntas sobre como as universidades e os órgãos de financiamento deveriam responder.

Porque a carga do trabalho doméstico recai sobre as mulheres, talvez a nossa autora possa responder:

Numa sociedade organizada de modo a deixar a mulher sujeita á tyrannia dos exaustivos trabalhos domésticos, ocupada todo o dia nos arranjos da casa e dos filhos, sem tempo para ler o jornal, para conhecer os livros, como acontece ás burguesas do interior do Brasil, numa sociedade onde á metade do sexo fraco (porém forte para o trabalho) são entregues os serviços domésticos a que não dão valor e ocupam vidas inteiras, nessa sociedade ninguém tem o direito de encher os seus códigos com as belas e retumbantes palavras: - Liberdade, Igualdade, Fraternidade! (MOURA, 2015, p. 65).

Ou talvez precisemos de dados mais próximos aos dias atuais:

[d]ados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as mulheres gastam quase o dobro de tempo em afazeres domésticos que os homens, predominância que não muda mesmo quando são comparados perfis de gênero em ocupações similares. Tal cenário não é singular ao país e, a despeito de todas as transformações recentes no mundo do trabalho, as desigualdades de gênero continuam a ser uma realidade global. Apesar disso, muitos sistemas de avaliação científica seguem ignorando essas desigualdades entre as condições de homens e mulheres. Para dar somente um exemplo, os concursos para docentes em universidades públicas no Brasil não adotam critérios formais para contrabalancear as diferenças de currículo dos concorrentes de acordo com aspectos como a licença maternidade. A inserção e a progressão de carreira das mulheres na academia requerem a superação de uma série de barreiras, dentre as quais as extenuantes jornadas de trabalho dentro e fora de seus domicílios compõem elemento central (CANDIDO; CAMPOS, 2021, p. 1).

As reflexões finais retomam as questões do início deste artigo. As injustiças infringidas de um grupo social perante o outro. A dominação patriarcal e as desigualdades de gênero, que perpassam gerações. “Calar hoje é ser cúmplice. Pratiquemos crime inominável da coragem, no meio da covardia e do cinismo da hora presente” (MOURA, 1934, p. 112).

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA USP DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO. **Produção científica feminina cai devido à pandemia**. Disponível em: <https://www.aguia.usp.br/noticias/49310/>. Acesso em: 25 maio 2021.

ALVES, J. E. D. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 292, maio/ago. 2016.

BEVILACQUA, P. D. Mulheres, violência e pandemia de coronavírus. **Instituto René Rachou Fiocruz Minas**, 2020. Disponível em: <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em: 25 maio 2021.

CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L. A. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. **Dados Revista de Ciências Sociais**, 14 mar. 2021. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 25 maio 2021.

LEITE, M. L. M. **A outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática. 1984.

MARTINS, A. M. S.; COSTA, N. A. Movimento feminista e educação: cartas de Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz (1920-1922). **Revista Contemporânea de Educação**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/download/2539/2777>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MAURANO, T. R. **A condição feminina em Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Editora Scortecci, 2020a.

MAURANO, T.R. As contribuições de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) para a educação no Brasil. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 22., 2020, Marília. **Anais [...]**. Marília, SP: UNESP, 2020b. Tema: Desafios da Pós-Graduação em Educação em Tempos Pós (Pandêmicos).

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo/1876-1994. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MOURA, M. L. **A mulher é uma degenerada (1924)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MOURA, M. L. **Fascismo, filho dileto da igreja e do capital (1934)**. Campinas, SP: Barricada Literária, 2012.

MOURA, M.L. **Renovação (1919)**. Edição Fac-similar. Org. Adelaide Gonçalves, Allyson Bruno e Camila Queiroz. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

SANTOS, A. Em pior momento da pandemia, Bolsonaro critica 'mimimi' e diz que brasileiro tem que enfrentar vírus. **BBC News Brasil**, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56287135>. Acesso em: 24 maio 2021.

VALENTE, J. Covid-19: Brasil tem 430.417 mortes e 74.592 novos casos da doença. **Agência Brasil**, 13 maio 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-05/covid-19-brasil-tem-430417-mortes-e-74592-novos-casos-da-doenca>. Acesso em: 24 maio 2021.

Como referenciar este artigo

MAURANO, T. R.; PINTO, G. U.; PADILHA, A. M. L. Calar hoje é ser cúmplice: Maria Lacerda de Moura. **Rev. Sem Aspás**, Araraquara, v. 10, n. 00, e021019, jan./dez. 2021. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15870>

Submetido em: 02/09/2021

Revisões requeridas: 08/10/2021

Aprovado em: 05/11/2021

Publicado em: 29/12/2021